

## Movimento Anarcopunk: o feminismo nas canções da Dominatrix<sup>1</sup>

Ranízia da Costa PEREIRA<sup>2</sup>  
Albery Lúcio da SILVA<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) - Mossoró – RN

### RESUMO

Este artigo tem como proposta abordar a rebeldia, estilo musical e cultural do movimento punk. Um cenário cultural que em suas gênesis era dominado por homens. Entretanto, com o forte movimento do feminismo dos anos de 1990, surge um movimento juvenil de mulheres rebeldes abrangendo em suas músicas temas e pautas contra o machismo e androcentrismo. Movimento que mais tarde seria conhecido como Riot Grrrl. Analisaremos algumas músicas da principal banda brasileira dentro do cenário anarcopunk, que se propõem a fomentar a discussão sobre a igualdade de gênero através de suas canções: a Dominatrix.

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimento punk; discurso político; feminismo; Riot Grrrl; contracultura.

### INTRODUÇÃO

As músicas são muito presentes para apresentar os sentimentos, como amor, dor ou ódio. As músicas fazem parte do repertório do movimento cultural, década estilo musical que representa uma tribo, como hippie, gótico, indie, punk, heavy metal. Todos eles representam o mesmo estilo que se conhece como categoria rock. O principal termo estudado é o movimento punk que surgiu no final do ano 1970. Houve fatores do estilo rock que estava sofrendo algumas mudanças, pois antes o movimento social mais predominante naquela década era os hippies. O movimento punk surgiu devido a uma série de fatores. Um deles era contra a guerra do Vietnã nos anos sessenta, pois muitos jovens morreram nesse confronto. O estilo é uma mistura de rock e hippie, um estilo musical agressivo com tranquilidade espiritual. O movimento punk se iniciou com criatividade para compor músicas contra violência, hipocrisia da sociedade, ou seja, a sonoridade que aquilo trazia era algo totalmente inovador em termos musicais, ao passo que o mesmo ocorria com

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no DT 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Discente do Curso de Comunicação Social, habilitação em Rádio e TV, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Email: [ranizia\\_rock@hotmail.com](mailto:ranizia_rock@hotmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Docente do Departamento de Comunicação Social (DECOM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Email: [alberylucio@yahoo.com.br](mailto:alberylucio@yahoo.com.br).

relações às letras. Eram simples e diretas, sem preocupação com uma linguagem elaborada (Melão, 2010), portanto as canções são cantadas com agressividade com letras que constrói um discurso crítico.

A outra parte do artigo é traçar o outro movimento cultural juvenil da tribo punk e grupos musicais lideradas por mulheres que são observadas com ideias feministas, elas têm as mesmas performances de bandas punk masculinas, usam roupas rasgadas e camisas de bandas, tocam guitarras, bateria e baixos, gritam cantando no microfone, mesma rebeldia e agressividade, porém, são mulheres que fazem parte dessas manifestações musicais para esclarecer o que é feminismo, usam suas letras contra o sistema machista e lutam contra o preconceito sexista, racistas e homofóbicos. O principal enfoque do movimento é o discurso para as mulheres se libertarem e combater o machismo e deram o nome da cultura juvenil punk feminista de Riot Grrrl. E abordar as pioneiras do movimento Riot Grrrl americanas e brasileiras, como também analisar as músicas da banda Dominatrix e relacionar com os discursos do feminismo.

## **MOVIMENTO PUNK ROCK**

O movimento punk iniciou-se no final de 1970 nos Estados Unidos, se tornando uma cultura, pois se define como o movimento social com a ideologia e existência de pessoas de ensino superior de classe média alta. Um dos aspectos do movimento é com anarquismo que defende o fim de qualquer autoridade e dominação, sendo política, econômica, social, exceto a religião, pois a cultura punk tem poucas relacionado com discursos religiosos. Apenas os focos da cultura punk defendem a sociedade em busca de liberdade e combater a mídia, corporações capitalistas e preconceitos, assim surge o anarcopunk. Porém existem outros movimentos punks como streetpunk que surgiu na década de 1970, se baseasse nos skinheads, são punk rock dos subúrbios, que são agressivos, conhecidos como vozes das ruas, bandas de garagem para eventos sem comercialização. Esse movimento é visto negativamente, pois são associados ao fascismo e nazismo, nada ligado ao anarcopunk social.

O movimento punk tem comportamento de revolução política, porém sofrem preconceito de outras pessoas que não segue subgrupos e não entende quais os Submovimentos pela qual pertence. Muitos são vistos pela sociedade como marginais, gangues de rua, brigões e nazistas, por causa de alguns que acredita que são assim os

costumes da tradição punk e acaba sujando a reputação daqueles que seguem uma doutrina de ideologias voltados ao grupo social.

Os punks culturais e musicais se iniciaram nos Estados Unidos e depois se espalhou pela Europa alguns anos depois. Acredita-se que primeira banda foi com a banda Ramones em 1972. Porém acredita-se que a primeira banda foram Death criados por três irmãos afro americanos no ano de 1971, no início os irmãos tocavam funk, mas resolveram tocar algo diferente que tem as mesmas mensagens de paz e amor do estilo hippie com som de guitarras e baixos e muito rebeldia.

A moda de se vestir diferente se tornou um fenômeno na década de sessenta por causa do movimento, o punk usava jaquetas de couro preta, camiseta branca, calça jeans rasgado, tênis ou coturno, é a marca da aparência agressiva. E suas músicas são escritas de ordem de protesto, contêm palavrões e gritos, no entanto, uma das características é que a maioria das bandas punks aborda esse tema em suas letras, às vezes é o tema central das canções, às vezes, não, porém quase sempre está presente. As canções punks também expressam rebeldia ao se posicionarem contra o discurso político, o religioso, o de certas tendências musicais e o de outras esferas sociais. Em síntese, pode-se dizer que a grande característica das letras das canções punks é a crítica à sociedade organizada, às suas instituições e às ideologias que estas veiculam (Melão, 2010). As composições são o som extremamente progressivo, pois no início as bandas não sabiam que realmente tocava, mas as letras se tornavam fiel na defesa e crítica à sociedade.

Algumas das bandas mais consagradas até hoje são Ramones, The Troggs, Sex Pistols, The Clash, Bad Religion e muitos outros que vendem suas músicas para indústrias culturais. Essa postura contestadora que o rock sempre teve começava a se perder na medida em que a psicodélica se esgotava em si mesma, ou seja, havia uma exaustão de criatividade e um virtuosismo exagerado. O rock, então, deixava de ser contestador para ser mais um produto do capitalismo, vendido pela indústria cultural numa lógica de mercado. O punk como manifestação cultural surgiu, em princípio, como uma resposta a essa mercantilização do rock. Tratava-se de uma volta às origens rebeldes desse estilo musical. Porém, o punk não é somente um movimento saudosista, ele trouxe consigo novos elementos à música que, até hoje, são formadas tribos através das músicas do gênero punk.

A maioria das bandas punks não tinha habilidades apuradas em termos técnicos. Por essa razão, o estilo punk não teria condições de se comparar àquelas bandas já consagradas do rock. Na verdade, a música punk ficou conhecida mais pelo seu aspecto rebelde e agressivo do que habilidade musical das bandas. Os músicos daquele contexto eram jovens que

queriam tocar rock à sua maneira, trazendo como temática aquilo que eles viviam o que tornou o punk rock uma música de cunho popular (apesar de não ser popular no sentido estrito do termo) (MELÃO, 2010, p. 86).

As composições são o som extremamente progressivo, pois no início as bandas não sabiam que realmente tocava, mas as letras se tornavam fiel na defesa e crítica à sociedade. Uma das bandas mais consagradas até hoje são Ramones, The Troggs, Sex Pistols, The Clash, Bad Religion e muitos outros que vendem suas músicas para indústrias culturais:

Essa postura contestadora que o rock sempre teve começava a se perder na medida em que a psicodélica se esgotava em si mesma, ou seja, havia uma exaustão de criatividade e um virtuosismo exagerado. O rock, então, deixava de ser contestador para ser mais um produto do capitalismo, vendido pela indústria cultural numa lógica de mercado. O punk como manifestação cultural surgiu, em princípio, como uma resposta a essa mercantilização do rock. Tratava-se de uma volta às origens rebeldes desse estilo musical. Porém, o punk não é somente um movimento saudosista; ele trouxe consigo novos elementos à música que, até hoje, são utilizados não só por artistas do meio punk. (MELÃO, 2010, p. 86).

## **AS ORIGENS DAS RIOT GRRRL NO CENÁRIO PUNK ROCK**

Esta segunda parte do artigo é sobre o feminismo junto com relação à comunicação de massa que uma delas é música do gênero punk rock. A primeira apresentação sobre o que é feminismo:

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Aponta, e isto é o que há de mais original no movimento, que existe uma outra forma de dominação do homem sobre a mulher– e que uma não pode ser representa pela outra, já que cada uma tem suas características próprias (PINTO, 2010, p. 16).

As lutas das mulheres tiveram ao longo da história ocidental, moças revolucionárias que trabalhavam como parteiras, enfermeiras, biomédicas. Muitas perderam suas vidas em busca de igualdade, uma dessas perdas de vidas foram muitas vezes nas Igrejas católicas. As mulheres eram perseguidas e condenadas por serem comparadas por serem possuídas por demônios ou feito pactos satânicos e consideradas bruxas. Segundo autor Menschik sobre os julgamentos de bruxaria “Estima-se que aproximadamente 9 milhões de pessoas foram acusadas, julgadas e mortas neste período, onde mais de 80%

eram mulheres, incluindo crianças e moças que haviam “herdado este mal” (apud MENSCHIK, 1977, p.132).

Uma das primeiras histórias do feminismo aconteceu no século XIX, popularizou o primeiro voto feminino na Inglaterra, conhecidas como as sufragistas. O feminismo desde o início do debate sobre a política e de qual importância da mulher como eleitora e política. Porém, são poucas mulheres na política, mesmo no século XXI, ainda é um tabu, como o assunto sobre aborto. E como o Brasil é extremamente católico e com uma política machista, como a realidade é exatamente:

Se a metade dos 513 deputados da Câmara Federal brasileira fosse de mulheres, certamente o tema do aborto teria uma presença muito maior e haveria um debate de qualidade muito diferenciada, até porque este cenário tão hipotético revelaria um campo de forças muito distinto do que existe hoje entre homens e mulheres. (PINTO, 2010, p. 18).

E como podemos observar o percurso e as lutas do feminismo parece ser do passado, pelo ao contrário, está tão forte e vivo nos dias atuais. O feminismo representa a luta de liberdade, igualdade e preconceitos sexistas, que ainda existe neste século XXI.

As feministas usam muitos meios de comunicação para divulgar suas lutas e conquistas, como revistas, blogs, livros, debates nos programas de televisão ou em rádio. E também há espaços na cultura musical de vários estilos, como *hip hop* que tem cantoras *rappers* que defendem a ideologia feminista, pois elas sofrem machismo na cultura *hip hop* por serem consideradas universo do gênero masculino. Porém, há outro estilo musical que cantam com palavras agressivas e sons pesados, grupos subculturas formados por jovens do movimento punk, são as Riot Grrrl: mulheres feministas, revolucionárias, militantes e radicais que protestam contra o machismo através de suas composições e apresentações. O movimento surgiu na década de 90 nos Estados Unidos, grupos de jovens feministas punk tiveram uma ideia que o punk não é masculino e se iniciaram como “Garota Revoltada” conhecida com Riot Grrrl.

A pioneira do movimento *riot grrrl* foi Kathleen Hanna no ano 1990 na cidade de Olympia, influenciada na infância pela sua mãe feminista, Kathleen começou na fase adulta formar uma banda de garotas do estilo *punk rock* e com discurso feminista. A banda chamava-se Bikini Kill, o grupo começou no ano 1990 e separaram em 1998, porém Kathleen formou outros grupos como Le Tigre e The Julie Ruin com as mesmas propostas. Bikini Kill, em português matança de biquíni, a banda com atitude punk que o estilo é

conhecido pela a frase “*faça você mesmo*”, pois Kathleen levanta a bandeira feminista pela influência do punk com letras de ordem e revolução.

Investigar como um determinado feminismo tem se constituído no interior da cultura juvenil punk, o feminismo Riot Grrrl, partiu, num primeiro momento, de uma inquietação política: numa conjuntura em que se propaga o discurso de que “as mulheres conquistaram seu espaço” e de que o feminismo é algo ultrapassado, nos parece oportuno analisar de que forma essas jovens feministas têm se constituído, remodelando e apropriando o feminismo pautado nas experiências e visão de mundo da juventude. Quais são suas perspectivas? Quais os anseios dessa juventude feminista? Enfim, qual o significado de feminismo para essas jovens mulheres engajadas? Da inquietação surgiu a motivação: embora haja consideráveis estudos antropológicos e sociológicos no Brasil sobre a cultura juvenil punk, não encontrada nenhum que trate especificamente as garotas riot grrrls. As mulheres, quando aparecem, são analisadas num capítulo à parte, como um “apêndice” do estudo e do movimento punk. (Melo, 2006, p. 1).

Percebe-se no texto acima que o *riot grrrl* é pouco conhecido e estudado no Brasil, mesmo havendo bandas ligadas a esse movimento, elas são poucas divulgadas. As bandas fundadas por mulheres do cenário punk brasileiro, no início começaram a ter inspirações de outras riot grrrl como Bikini Kill e Bratmobile, com a divulgação dessas bandas na mídia nos Estados Unidos, um exemplo como os zines que é uma produção escrita, artes e notícias, é uma propagação das Riot Grrrl colocar e gerar ideias. As garotas brasileiras de classe média alta que estudava ou ficava de férias, que passou um tempo no EUA trazendo inspirações para as mulheres nacional tocando seus instrumentos como os homens e as letras das canções inspiraram muito essas garotas do movimento punk e desde então surgiu a primeira banda nacional chamada Dominatrix.

Dominatrix surgiu como inspirações de outras bandas pioneiras como Biquini Kill, em 1995 iniciou-se a banda de hardcore feministas. O nome Dominatrix foi selecionado pelo o nome de um trecho do som Panik da banda americana de riot grrrl Bratmobile. Porém, o nome Dominatrix tem um significado de dominadora ou mestra, e é considerado de um termo usado para mulheres sedutoras, sadomasoquismo, com visual de espartilho, meia-arrastão e botas de salto alto. Entretanto, a banda Dominatrix usa o discurso nas músicas com representação do feminismo, as integrantes se vestem de um estilo da cultura punk e com isso a banda influenciou outras garotas usarem a bandeira feminista e fazer parte do movimento punk rock.

A banda Dominatrix não apenas cantava músicas relacionadas ao feminismo, mas também contra homofobia, pois algumas meninas do movimento são lésbicas e bissexual e elas já sofriam por serem mulheres e também pela sexualidade. Umas são chamadas de

“sapatona” pelos garotos, e muitos criticam dizendo que o punk é para homens. As garotas do movimento sofriam preconceito sexista, homofobia, racistas, e androcêntrico, porém, com isso dão mais força e motivo para prosseguir com a ideia do feminismo nas bandas. A Isabela e a Elisa são irmãs, integrantes e fundadoras da banda Dominatrix, produzindo inspirações de outras bandas com Bulimia, Menstrual Anarquika, Mercenárias, Anticorpos, e muitos outros surgindo no cenário Riot Grrrl.

## **DOMINATRIX E O DISCURSO FEMINISTA**

As expressões artísticas e suas linguagens denotam um apelo que o discurso tradicional não abrange. Há uma estreita relação entre a linguagem artística e o campo afetivo/emocional. Portanto, não exigindo, em seu primeiro contato, qualquer mecanismo de contemplação da obra. Porém, na existência de uma relação tão íntima entre expressões artísticas e o campo afetivo, as artes desempenham um forte papel na “adestração social”. Delimitar os parâmetros dos comportamentos socialmente aceitáveis, por vezes, é mais eficaz via expressão artística. Entretanto, é salutar que se destaque não se tratar de “mensagem subliminar”. Uma vez que nossas identidades, e conseqüentemente nosso sentimento de pertencimento, são construídas histórica e simbolicamente, faz-se necessário compreender a arte como possuidora de um discurso político, também. Compreender essa função das artes possibilita um olhar mais crítico as suas expressões. Para tanto, tomaremos como ilustração a música e o discurso que ela carrega.

O músico, assim como os Griot's das antigas tribos africanas, possui a capacidade e a função social de transferir conceitos, tradições, normas e valores sociais da sua época e região. Entretanto, cabe-o também o papel na desconstrução dessas normas e tradições, visibilizando e pautando o discurso de segmentos socialmente marginalizados. Exemplo dessa função desconstrução de discursos marginalizatório são bandas lideradas por mulheres no movimento anarcopunk, dentro do cenário da contracultura.

Como objeto de análise desse estudo, tomaremos a banda brasileira Dominatrix (1995) e algumas de suas canções para ilustrar como a música é utilizada para propagar um discurso e lançar visibilidade a um grupo historicamente marginalizado: as mulheres.

Com seis discos lançados, as canções da banda anarcopunk brasileira possuem uma variedade de abordagens e discursos, embora mantendo um tema principal: a luta pela igualdade de gênero.

Ainda em seu segundo disco, *Self Delight* (1998), é possível notar um discurso com vultos de sonoridade. Um convite às mulheres para uma tomada de consciência enquanto sujeitas merecedoras de direitos e liberdades. Embora, no mesmo discurso, fique o alerta que não é uma trajetória fácil.

Leva muito tempo para gente perceber/ Sei que às vezes ficamos com vontade de desistir algum ideal pelo qual queremos lutar/ E precisamos de alguém para abrir essa porta/ Abra tua mente e abrir teus olhos/ Talvez seja alguém que queira lutar com você. (Trecho da canção Nylon Filamentos, Dominatrix, 1998).

A sonoridade não é um elemento ao acaso. A tomada de consciência via a auto-organização é um elemento muito forte e quase sempre presente nas músicas da banda.

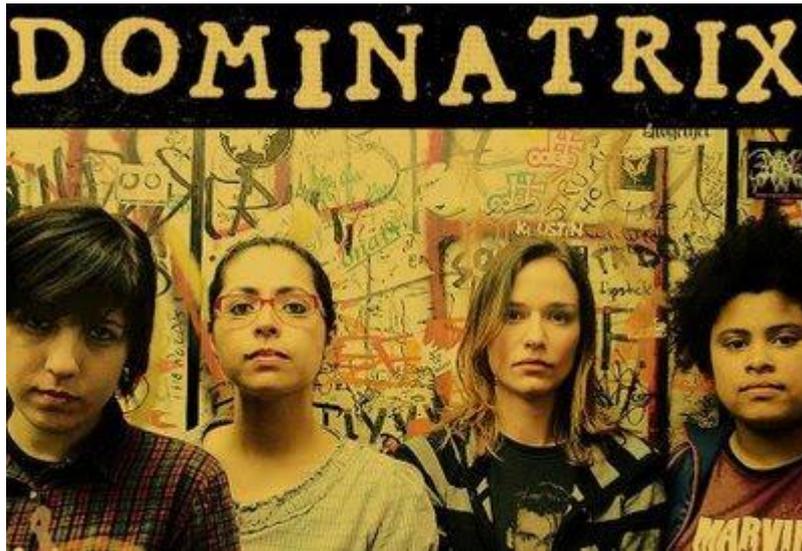
Um de vocês vai me dizer/ “vai devagar, sem acusar” / A violência se faz/ A indiferença se faz/ A intolerância se faz sem testemunha/ Dentro de casa/ nas ruas do subúrbio/ Dentro de casamentos e nas delegacias/ Não faz mal pensar que não se está só/ Não faz mal pensar que não se está só. (Trecho da canção Filhas, Mães, Irmãs, Dominatrix, 2009).

Há-se o entendimento que através da unidade, enquanto indivíduo pertencente a um mesmo grupo social se é possível à tomada de voz e, conseqüentemente, visibilidade para suas necessidades e reivindicações. Isso se dá em forma de denúncia, indignação e cobranças através das composições.

O aborto é infração moral/ e as conseqüências de seus atos são: castigo e pena/ tranca e cala a voz na prisão (...) / Encerra no corpo a batalha/ Quem disse que era fácil a sobrevida em nome/ da função de mulher do lar/ Misoprostol na cidade, no campo, copo de veneno/ Farpa, arame/ Patriarcado, açogue infame. (Trecho da canção Meu Corpo É Meu, Dominatrix, 1997).

Nota-se nas composições um eterno enfrentamento. Um conflito contra o medo, a insegurança e o silenciamento. Entretanto, o discurso feminista encontra na música um terreno fértil. Um mecanismo de propagação com apelo emocional que o discurso tradicional não possui. E através dessas representações indivíduos desenvolvem um sentimento de pertencimento, o que fomenta a discussão em torno da igualdade de gênero.

Você é isso/ De pele branca, tosco, macho/ E você é isso/ De ponta a ponta, regra o tempo inteiro/ Para se manter no poder (...)/ Assista ao seu próprio fracasso/ Você não é inteligente/ Censurei seu preconceito/ Estraguei a sua piada/ E te desmontei/ Até parece que pensar dói. (Trecho da canção Vai lá, Dominatrix, 2009).



Disponível em: <http://klitoris-freakshow.blogspot.com.br/2009/06/riot-grrrl-part3-bulimia-kaos.html>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Designar a música, como a qualquer outra expressão artística, a função de entretenimento social é ingênua e perigosa. A arte possui um poder de propagação de ideias. Detém recurso para a manutenção e /ou desconstrução de normas. Possui um caráter de documento histórico. Onde, por vezes, é utilizado como argumento para a manutenção de tradições excludentes.

Possuir os meios de produção para contar a sua própria história, como a de outros indivíduos do mesmo contexto socioeconômico semelhantes, se faz fundamental no processo da construção de identidades e, conseqüentemente, do sentimento de pertencimento.

Portanto, a presença feminina dentro do movimento anarcopunk, tradicionalmente masculino, se revela como um avanço para a tomada desses meios de produção de discursos. Entretanto, o movimento anarcopunk ainda se apresenta como um cenário predominantemente branco. A inserção de mulheres negras é quase nula. Compreendendo assim que pouco se avançou na interseccionalidade.

## REFERÊNCIAS

- BADO, Dani. **Homens que queimam mulheres**. Tumblr – Dani Bado, abril, 2015. Disponível em: <<http://danibado.tumblr.com/post/120055085069/homensquequeimammulheres>>. Acesso em: 11 de mai. 2016.
- COSTA, Jussara J; RIBEIRO, Jéssyka; K. A. SANTIAGO, Indalina M. F.L. **Um jeito diferente e “novo” de ser feminista: em cena, o Riot GRRRL**. Em pauta: Revista Ártemis, Edição V. 13, jan-jul. p. 222-240. 2012.
- FACCHINNI, Regina. **Dykes uma cena de riot grrls: uma reflexão sobre estilo, diferenças, sujeito e normatividades a partir da cidade de São Paulo**. 2008.
- LEVATTI, Giovanna Eleutério. **Um breve olhar acerca do movimento feminista**. Bauru: UNESP, 2011.
- MARTINS, Inês Rôlo. **Mulheres entre o som e o silêncio: imagens e representações das artistas de Metal na Loud!** 2011.
- MELÃO, César Augusto. **O discurso da rebeldia: uma análise de um texto punk**. *Estudos Semióticos*. [Online] Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 6, Número 1, São Paulo, jun. 2010, p. 86-93. Acesso em: 11 de mai. 2016.
- MELO, Érica Isabel. **O Feminismo não morreu** – As Riot Grrrl em São Paulo. Em pauta: Revista Ártemis, vol. XV nº1. Jan-jul. p. 161-178. 2013.
- MELO, Érica Isabel. **Riot Grrrl: Feminismo na cultura juvenil punk**. Anais do VII Seminário Fazendo Gênero, Campinas, São Paulo. UNICAMP. 2006. p. 1-7.
- PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Em pauta: revista da sociologia e política. Curitiba, v.18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.
- RESENDE, Marcelo. **Uma noite no Brasil: garotas malvadas se reúnem em São Paulo para ouvir rock, editar fanzines e denunciar a violência contra mulher**. **Folha de São Paulo**. 19 de outubro, 1997. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs191008.htm>>. Acesso em: 13 de mai. 2016.
- SILVA, Nick. **Kathleen Hanna: a explosão feminista com o tempero do Punk**. Monkey Buzz, 29 de agosto, 2013. Disponível em:<<http://monkeybuzz.com.br/artigos/6634/kathleenhannaexplosaofeministacomotemperodopunk>>. Acesso em: 11 de mai. 2016.